



Microssseguros na favela de Rocinha (Rio de Janeiro)

Introdução ao Modelo
Microcentros Comerciais Compostos

Hernán Poblete M.



Antropologia e Estrategia



A pesquisa para este livro e sua publicação foram feitas com o apoio de Bradesco Seguros

Agosto 2014

Edição: Denise de Goes

Tradução: Fabiana Dias da Cunha

Design Gráfico: Maurício Hoyuelos

Agradecimentos

Este livro é dedicado a todos aqueles que o tornaram possível: Fabiana, Carlitos, Lucy, Hernán, Gabriela, Damiler, Martín, Magaly, Janet, Silvana, Thales, Fernanda, Paola, Bolivar, e Eugenio.



Entre 2010 e 2013 a Bradesco Seguros desenvolveu uma série de iniciativas para conhecer em profundidade os principais destinatários de Microseguros no Brasil. Uma destas iniciativas resultou em uma série de pesquisas apresentadas neste livro e que foram feitas pela consultoria internacional IMR, quem realizou a primeira imersão socioantropológica em favelas e bairros de classe média baixa para a indústria seguradora.

Nosso entendimento da complexidade da população de baixa renda era claro desde o início. Não se podia fazer generalizações nem utilizar indicadores socioeconômicos padrão para conhecer a nova classe C. A população rural do Brasil não pensa e nem se comporta em relação aos riscos e à administração do orçamento familiar da mesma forma que a população dos grandes centros urbanos, muito mais desenvolvida e interconectada, o faz.

Assim sendo, nosso objetivo foi conhecer as distintas e diversas pessoas de um novo mercado para seguros, juntamente com suas necessidades e aspirações, além de precisar as verdadeiras necessidades de seguros dos indivíduos da nova classe média brasileira.

A partir de então, um amplo horizonte de oportunidades se abriu para a indústria seguradora, permitindo não só definir as características da nova classe C, mas também implantar novas ferramentas de comunicação que hoje nos ajudam a ilustrar de forma muito mais simples e direta os conceitos complexos de nossa indústria.

É com grande satisfação que nós da Bradesco Seguros difundimos um conhecimento de raízes em ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia – um tipo de conhecimento que esperamos que revele grandes oportunidades no âmbito do desenvolvimento social e econômico nas populações de baixa renda. Estamos certos que conceitos como o de Microcentros Comerciais Compostos, aqui apresentado pela primeira vez, poderão ser utilizados para o desenvolvimento e aplicação de políticas públicas e privadas em todo o mundo.

Eugenio Velasques

Diretor Bradesco Seguros

Contenido

Introdução.....	8
Microcentros Comerciais Compostos.....	10
Rocinha e Heliópolis	14
Dados Quantitativos.....	17
1. As representações da Rocinha no imaginário coletivo	19
Representação social	20
Favela e Pobreza.....	23
Entre o asfalto e o morro.....	25
Identidade cultural e representação.....	28
Origem do Termo Favela	31
Mudança de foco	44
A Rocinha não é uma Comunidade	45
Por que Localidade?.....	48
As microáreas	51
2. Rocinha, uma favela em transformação	53
Urbanização, desenvolvimento econômico e correlação.....	60
3. Por dentro da Rocinha	69
Vias Principais.....	69
Vias Secundárias	71
Vias terciárias e condições de infraestrutura	73

4. Conceitos espaciais para entender as trocas em espaços informais	75
Tipos de Nodos Comerciais e MCC.....	77
Os tipos ideais.....	78
Nodos.....	80
Nodo A.....	81
Os dois NODOS B.....	83
Microcentros Comerciais Compostos.....	87
5. MCC, muito além de trocas econômicas	91
Lugares de trocas comerciais e pessoais.....	93
Biroscas, Mini-Microcentros Comerciais Compostos.....	98
A relação Nodo-MCC	100
6. A dinâmica comercial na Rocinha	102
Números que impressionam	103
Contradições estatísticas	105
7. As dinâmicas familiares na Rocinha.....	112
Núcleos de residência	115
8. Composição do orçamento familiar	120
Gasto versus orçamento familiar	122
Evolução da renda e distribuição do gasto	126
Administração da renda familiar.....	129
Gastos x Poupança	130
Bem-estar familiar	132
9. O contexto dos Microseguros	135
Valor Irrenunciável & Gasto Moral	137
Decisão Moral	140
Considerações sobre Produtos de Microseguros.....	141
Atributos Do Produto	143
10. Conclusão	151
As principais conclusões da pesquisa:.....	154
Referências bibliográficas.....	158

Introdução

O conceito de pobreza é principalmente econômico, afetando também outros sistemas, como o social e o cultural. A pobreza é resultado de operações sistêmicas complexas e estruturadas ao longo do tempo, o que torna difícil sua compreensão sob um olhar superficial. No método descrito neste livro, a pobreza é associada a um efeito de risco social de caráter urbano – dadas as implicações de ordem psicológica e espacial que a mobilidade descendente produz sobre a pessoa exposta à deterioração de sua situação econômica.

É preciso ainda levar em consideração que a influência das representações sociais delimita a existência de outras formas de entender o Brasil contemporâneo e determina enfoques científicos especiais que exigem uma revisão do material acadêmico e bibliográfico produzido desde o momento de sua aparição como fenômeno, em meados do século XIX, até os dias atuais. Por isso, para entender a dinâmica da favela como fenômeno urbano de mobilidade social se faz necessário não só considerar as representações sociais construídas pela sociedade brasileira ao longo da história, mas também explorar as percepções dos moradores da favela a partir de sua própria ótica.

É dentro de tal contexto de compreensão de risco social e das representações sociais daquilo que é “favela e favelado” que se encontram os resultados da pesquisa feita pela IMR para a Bradesco Seguros na Rocinha, zona sul do Rio de Janeiro. Este livro vem compartilhar o conhecimento gerado pelo estudo que é fruto do trabalho de uma equipe de antropólogos e sociólogos do Brasil e de países como Chile e Peru. Os pesquisadores adentraram um mundo desconhecido de grande parte da sociedade brasileira, acostumada a ver as chamadas favelas apenas desde fora, e trouxeram à luz a vivência de como foi morar nesse universo e nele se aprofundar para entender e intervir nas estruturas que o afetam o risco social.

Entre janeiro e julho de 2010 a equipe de pesquisadores conviveu com os residentes da Rocinha para detectar e descrever os fatores culturais determinantes dos comportamentos econômicos. A pesquisa é um processo misto de análise qualitativa com ilustrações quantitativas – o que permitiu observar de maneira mais precisa os fenômenos de padrões de consumo e constituição econômica dos habitantes da Rocinha. O eixo de análise tem como base conceitual os Microcentros Comerciais Compostos – no texto frequentemente citado através da sigla MCC. Tal conceito é proposto como mecanismo metodológico e operacional para levar políticas e ações de desenvolvimento até espaços urbanos segregados; lugares onde as representações e preconceitos arraigados na sociedade conspiram contra a implantação de ações concretas que resultem de forma esperada na luta contra a pobreza.

Será possível ver ao longo do livro como o MCC demonstrou ser uma metodologia muito efetiva no momento de desenhar e fundamentar estratégias comerciais, políticas e comunicacionais por parte de uma companhia do porte da Bradesco Seguros. O caso dos Microseguros e o interesse por se aprofundar em seu conhecimento desde uma perspectiva mais pragmática vem a ser um exemplo concreto de como esta metodologia pode ser utilizada não apenas para identificar padrões de trocas econômicas em ambientes de risco social, como também para desenhar ações, implantar e medir.

Os Microseguros não são necessariamente um negócio lucrativo, mas sim uma estrutura que pode ser usada por qualquer governo ou instituição para incrementar o desenvolvimento econômico de amplas áreas de população em risco social. Isso porque através e por trás da distribuição e comunicação de produtos de seguros se está educando a um grande contingente populacional sobre instrumentos econômicos como poupança, investimento, contribuição para a previdência, entre outros.

Pode-se refletir em um outro momento sobre o caráter inclusivo que a educação financeira possui no desenvolvimento econômico de regiões com população em risco social, mas não cabe dúvida que uma grande parte da população brasileira utiliza de forma equivocada os recursos financeiros recebidos ou gerados. A educação é essencial e chave.

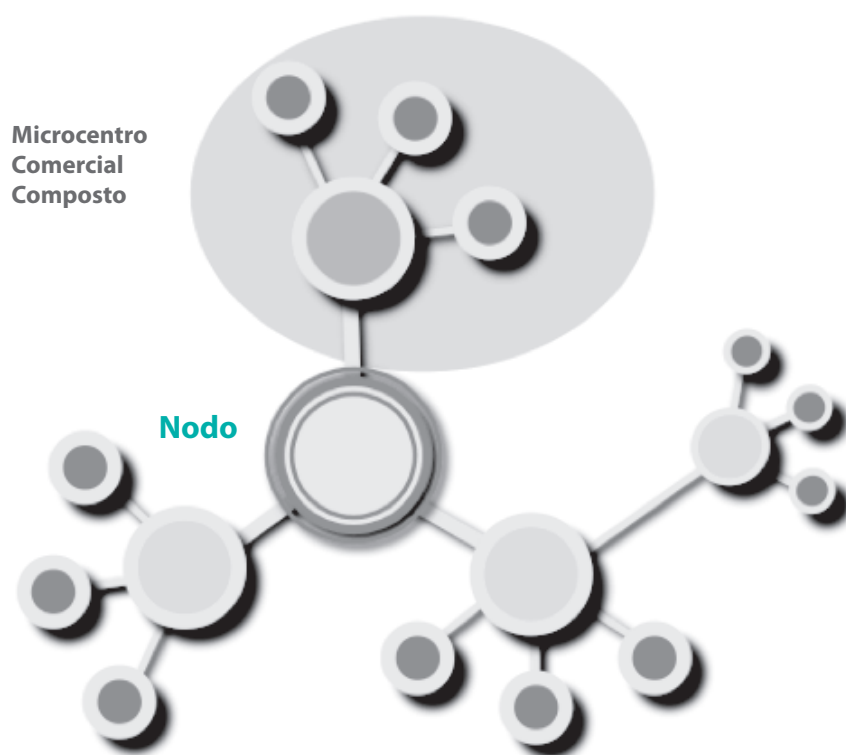
Em tal sentido, a visão estratégica da Bradesco Seguros em apoiar o desenvolvimento deste trabalho vem a ser um exemplo a ser seguido, pois reconhece a utilização de novos métodos de pesquisa para enriquecer suas operações. Não é comum ver projetos tão ambiciosos no âmbito das ciências sociais e econômicas quando se trata de utilizar a pesquisa científica para ajustar estratégias comerciais e comunicacionais de caráter privado, pois se propõe a romper paradigmas tradicionais desde o mundo da iniciativa privada para apoiar uma ação que resulta em um aporte sem precedentes na esfera do desenvolvimento social.

Através desta pesquisa a Bradesco Seguros apresenta sua visão de desenvolvimento desde uma perspectiva acadêmica e desde sua própria estratégia organizacional, colocando à disposição do mundo privado e público uma nova proposta de como se deveria intervir e atuar para chegar ao entendimento inicial da decisão econômica.

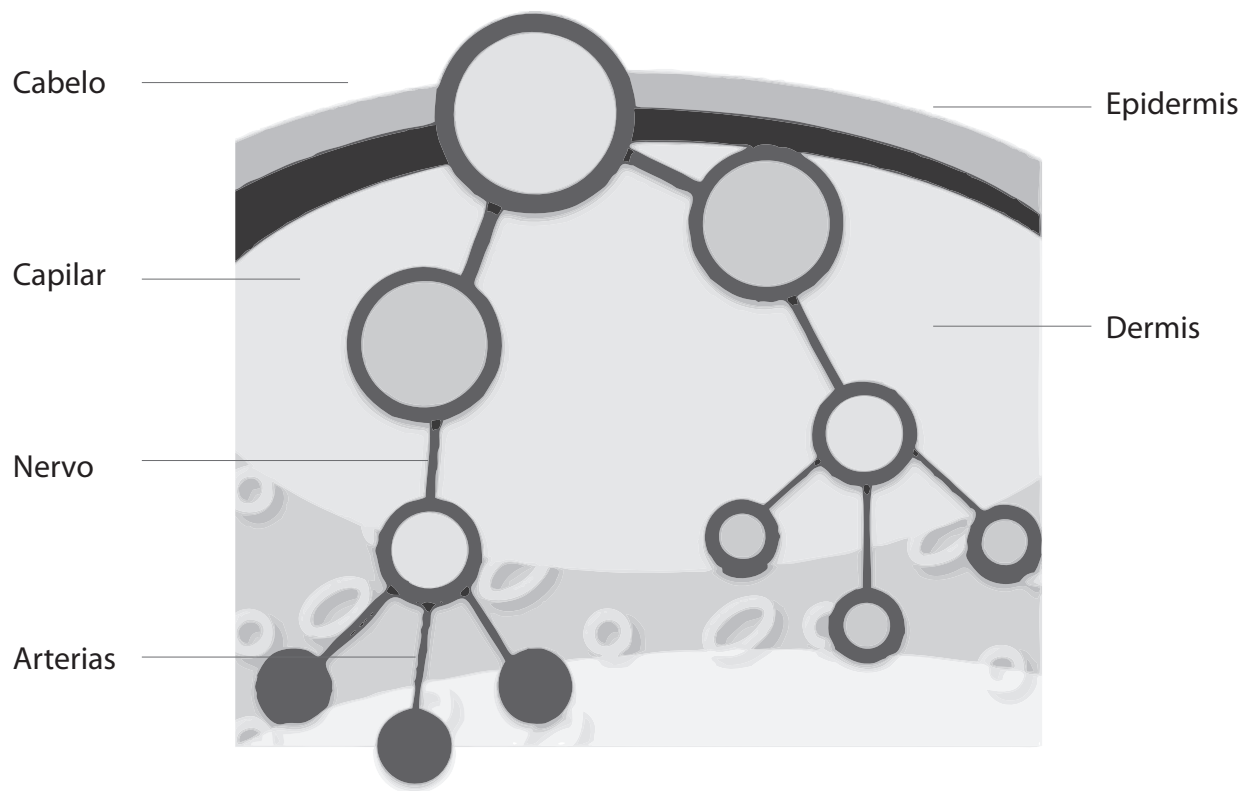
Microcentros Comerciais Compostos

A história da observação, descrição e estudo dos Microcentros Comerciais Compostos é bastante recente. As primeiras descrições foram feitas pela IMR em 2009, durante estudo realizado em bairros do norte de Lima, no Peru. Desde então, novas pesquisas realizadas pela IMR em diversos países e cidades brasileiras, encontraram a presença e a importante dinâmica socioeconômica e cultural dos MCC's em todas as zonas urbanas pesquisadas.

Os MCC's são estruturas dinâmicas em geral ocultas, ou à margem, dos grandes centros urbanos. São **Microcentros** por se tratar de espaços de intercâmbio econômico formados em torno de um bairro, espaços reduzidos se comparados aos supermercados e shoppings; **Comerciais** por envolver oferta e demanda de produtos e **Compostos** devido à multiplicidade de atores que contribuem para o fluxo de sua economia.



ESQUEMA 1 – Estrutura Geral de um Microcentro Comercial Composto (MCC)



O funcionamento de um Microcentro Comercial Composto pode ser entendido por meio do conceito de microcapilaridade e seu papel como estrutura de distribuição de informação. A microcapilaridade permite visualizar a fragmentação das relações entre diferentes atores ou grupos em níveis cada vez menores: quanto mais capilaridade, maior a possibilidade de chegar à raiz ou causa dos fenômenos “visíveis”. O conceito de microcapilaridade vem associar a capilaridade dos sistemas biológicos aos sistemas sociais como método de estudo mais aprofundado dos fenômenos sociais e suas redes de interconexão. Em um sistema biológico, a capilaridade parte de uma estrutura macro para estruturas menores e mais simples formadas por vasos sanguíneos e capilares que conduzem os nutrientes, ou a informação, de todo o sistema. Tal fluxo vai nutrindo com informações genéticas e proteínas as células mais afastadas da estrutura central predominante.

Essa ideia pode ser adaptada aos espaços urbanos. Nas cidades, há centros urbanos em que se concentram os Nodos ou centros comerciais. Dali partem artérias que chegam até regiões periféricas, cada vez menores e que constituem os microcentros – marginais ou periféricos ao centro.

São nos Microcentros Comerciais Compostos que se produzem as trocas econômicas mais importantes e relevantes em espaços urbanos com distintos tons de informalidade – não exclusivamente favelas.

O território da Rocinha foi minuciosamente estudado e mapeado – ainda que em uma época anterior à UPP, quando a Rocinha estava sob o comando do tráfico de drogas. Todo o comércio foi mapeado e classificado segundo os conceitos Nodos Comerciais e Microcentros Comerciais Compostos.

Um dos objetivos principais foi observar e descrever como as relações comerciais muitas vezes se mesclam com as pessoais a partir dos microcentros comerciais. Para isso, o estudo estabeleceu a correlação entre os processos de urbanização e o desenvolvimento econômico local. Na Rocinha, a falta de infraestrutura urbanística determina o grau de desenvolvimento econômico de cada pedacinho da favela.

Rocinha e Heliópolis

Além da Rocinha, no Rio de Janeiro, a pesquisa IMR para a Bradesco Seguros estudou a favela de Heliópolis, em São Paulo. Encravada na metrópole paulistana, Heliópolis passou pela mesma análise metodológica da Rocinha. Ambos os estudos obedeceram a uma estrutura comum de trabalho e foram realizados no mesmo período de tempo. Isso não significa, contudo, a inexistência de diferenças marcantes entre os dois universos.

Diferenças que começam pelo fator das características geográficas. Na Rocinha o acesso ao interior dos Microcentros Comerciais Compostos é muito mais difícil, pela declividade de seu terreno, do que em Heliópolis que está sobre um terreno plano. Na Rocinha é possível encontrar zonas inacessíveis a carros e caminhões, produzindo-se uma aberta correlação entre centralidade e marginalidade – sendo esta última, diretamente vinculada à pobreza ante a falta de alcance aos bens e serviços que permitam o seu desenvolvimento. No caso de Heliópolis, a distinção entre zonas mais pobres não é tão clara.

Outra diferença que complementa o ponto anterior é que, ante as dificuldades de acessibilidade e saída, a relação comercial entre os MCC's e as chamadas biroskas na Rocinha é muito mais intensa e dependente que no caso de Heliópolis – onde basta caminhar umas poucas ruas para

chegar a um ponto de ônibus e, dentro de meia hora, estar no centro de São Paulo. Isso significa que em Heliópolis as relações comerciais dos moradores que vivem próximos aos MCC's costumam ser mais enfraquecidas que na Rocinha.

Uma terceira diferença fundamental se dá pela “natureza” urbana de cada comunidade – dentro do contexto das respectivas cidades nas quais estão inseridas. Heliópolis tem características de um espaço urbano, com ruas e vias acessíveis, quase um bairro – ainda mais porque tende a se misturar com bairros anexos, sendo que tal fato contribui para uma maior independência de seus Nodos e Microcentros Comerciais. Se um morador de Heliópolis não gostar de um determinado produto ou de seu preço, ele pode, com mais facilidade, tomar a decisão de comprar nos bairros vizinhos que oferecem preços compatíveis com a renda dos residentes da comunidade. O mesmo já não acontece com os habitantes da Rocinha. Se a pessoa não vive nas imediações da Via Ápia, ou em áreas mais consolidadas e desenvolvidas, a possibilidade de “sair” de seu espaço será menor. E na hipótese de não encontrar o que precisa dentro da Rocinha, os bairros vizinhos, de alto poder aquisitivo, não são uma opção viável.

Por fim, existe a distinção encontrada no caráter das Organizações Comunitárias Centrais de cada comunidade. Em ambas, as organizações se encontram politizadas e compartilham certos pontos “discursivos” em comum (“comunidade carente”). Porém, a diferença está na maneira como elas encaram suas relações com o mundo “externo”; sendo o caso da Rocinha o mais particular, pois a alta concentração de visitas, interesse político, turismo, subvenções e atenção midiática fez com que sua Associação Central de Moradores ficasse altamente condicionada e disposta a lucrar com isto. Situação que não ocorre com Heliópolis, uma comunidade menos “solicitada”, sem o mesmo apelo mediático da Rocinha.

O presente livro foi organizado de forma que o leitor primeiro tome contato com as múltiplas realidades simbólicas que as representações da favela ativam no imaginário coletivo – tanto da representação que o favelado realiza de si mesmo, quanto daquela contida na opinião da população não-favelada. Por isso que alguns conceitos centrais utilizados largamente são desprezados sob uma postura crítica a tais representações – como o conceito de “comunidade”, tão usado pelos meios de comunicação, pelas classes políticas e por outras instituições vinculadas ao desenvolvimento social – todos sem possuir a consciência do quão distante uma favela está de ser uma comunidade – e dos erros metodológicos que isso provoca nos processos de intervenção (públicos e privados).

Em uma segunda parte se aborda a perspectiva do território estudado a fim de entender a configuração urbana do espaço, mapeada através das vias principais, secundárias e terciárias de cada comunidade; e depois possa compreender a dinâmica comercial existente e suas particularidades: como se distribuem os Nodos e os Microcentros Comerciais Compostos e como se constroem as relações pessoais e impessoais entre os moradores.

Uma terceira vertente do livro busca entender como os moradores de Rocinha e Heliópolis compõem e administram o orçamento familiar. Para isso, os pesquisadores moraram com algumas famílias para compreender as formas de obtenção de renda e de gestão de finanças pessoais que são, em grande parte, informais. Nesse aspecto, é preciso ressaltar que grande parte do conteúdo do livro se constitui em hipóteses, dado que a pesquisa não pôde dispor do tempo necessário para chegar a conclusões científicas e definitivas sobre a economia familiar nas duas comunidades.

Dados Quantitativos

O estudo estatístico da Rocinha foi elaborado a partir de uma amostragem aleatória para que cada morador tivesse a mesma oportunidade de ser entrevistado. Para essas entrevistas foram selecionadas as localidades de Dionéia, Vila Verde, Fundação, Rua 3, Via Ápia, 199 e Rua 2 e o trabalho de campo foi realizado durante os dias 3 e 4 de julho de 2010. Tomou-se uma amostra de 250 entrevistas, com margem de erro de 5%, o que é usual para esse tipo de estudo. A margem de erro refere-se à variação natural entre amostras da mesma população, ou seja, se pesquisada uma amostra adicional de 100 pessoas, 95% dos resultados seriam os mesmos. A amostra é composta por 40% de homens e 60% de mulheres.

Para estimar o Nível Socioeconômico da Rocinha, foi usada a metodologia CCEB (Critério de Classificação Econômica Brasil), validada e utilizada pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. O sistema pretende ser uma forma única de avaliar o poder aquisitivo dos grupos de consumidores e não classifica a população em termos de “classes sociais”, mas em um mercado que se divide unicamente em classes econômicas. Tal classificação é feita com base na posse de bens e não na renda familiar. Para cada bem há uma pontuação e cada classe é definida pela soma dessa pontuação. As classes definidas pelo CCEB são A1, A2, B1, B2, C, D e E. Esse critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas.

Há que ressaltar que não se tinha, para o presente estudo, informação prévia sobre a distribuição socioeconômica da Rocinha e que, evidentemente, tal distribuição não é a mesma da cidade do Rio de Janeiro. Foi precisamente por esta razão que se utilizou o sistema CCEB como uma forma

Thank You for previewing this eBook

You can read the full version of this eBook in different formats:

- HTML (Free /Available to everyone)
- PDF / TXT (Available to V.I.P. members. Free Standard members can access up to 5 PDF/TXT eBooks per month each month)
- Epub & Mobipocket (Exclusive to V.I.P. members)

To download this full book, simply select the format you desire below

